

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Modo de pago	PORTUGAL E COLONIAS	Francos de porte
Anno ou 24 numeros	2\$500	Trimestre ou 6 numeros \$650
Semestre ou 12 numeros	1\$300	N.º avulso ou pago à entrega \$120
ESTRANGEIRO UNIAO GERAL DOS CORREIOS		
Anno ou 24 numeros	3\$000	Semestre ou 12 numeros 1\$500

2.º ANNO — VOLUME II — N.º 43

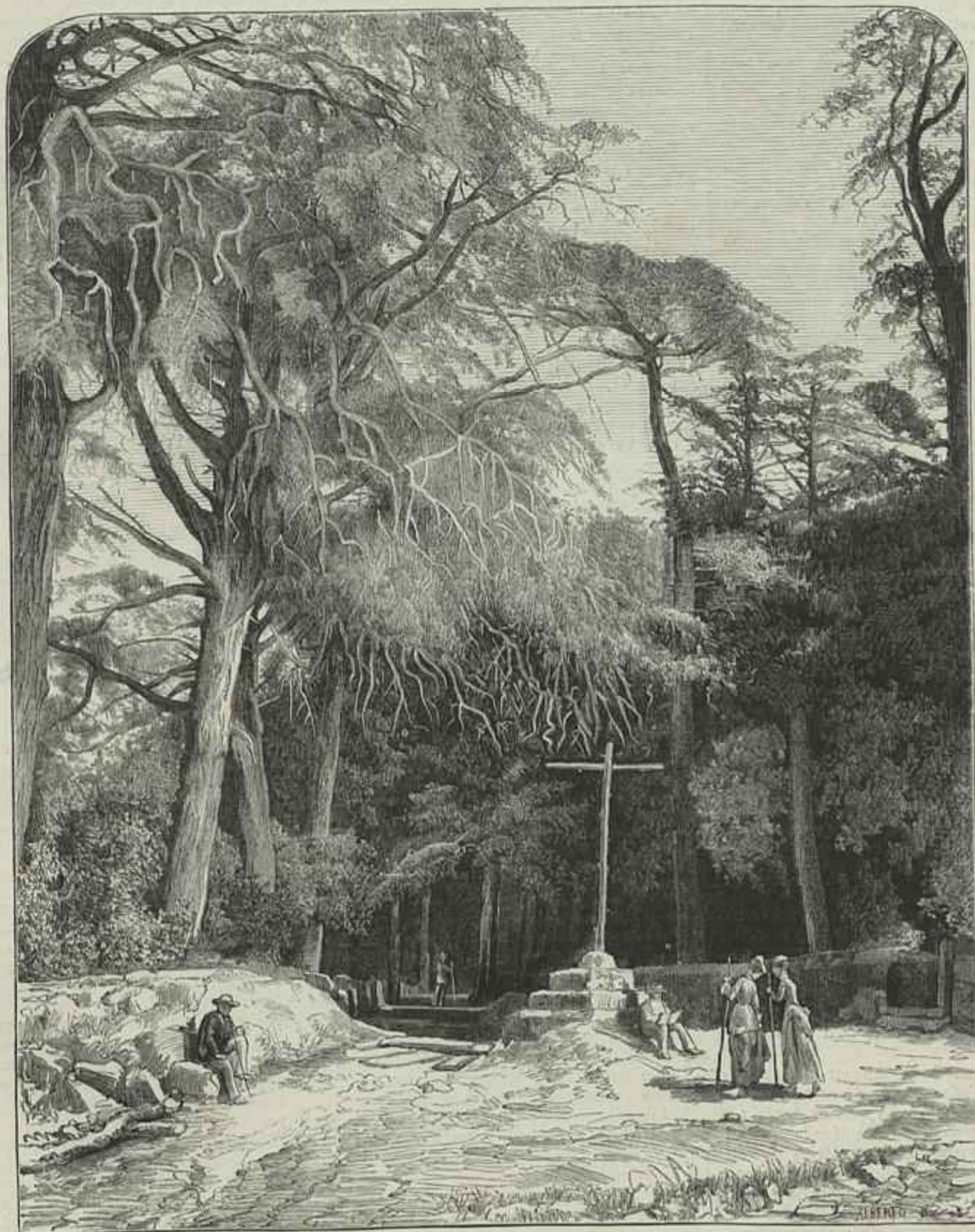
1 DE OUTUBRO 1879

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LOURETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

Correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro ser. Serafim J. Alves.

PORTUGAL PITTORESCO



BUSSACO — PORTARIA DE COIMBRA (Segundo uma photographia)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, GUILHERME D'AZEVEDO — Africa, o tenente Lourenço da Rocha no Dahomé em 1878-1879, ALBERTO DE CERVEAS — Dr. José Ferreira d'Araujo, LINO D'ASSUMPTO — As nossas gravuras — Ensaio e Noticias Scientificas, Constituição phisica do sol, HENRIQUE DA MACEDO — Manuel Borges Carneiro, BUTO REBELLO — Rainhas de Portugal por F. da Fonseca Benevides.

GRAVURAS. — Bussaco, Portaria de Coimbra — Dr. José Ferreira d'Araujo, redactor da «Gazeta de Noticias» do Rio de Janeiro — O ultimo copo, quadro de Columbano Bordallo Pinheiro — Africa — Vista das portas da cidade de Abomé — O tenente Lourenço da Rocha — As amazonas do Dahomé em combate — Como se viaja no Dahomé — D. Catharina d'Austria, mulher de D. João III — Frei Martinho da Arrabida — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

As tardes por em quanto ainda são amenas, e o mar, não obstante os vaticinios formulados, de quando em quando, telegraphicamente pelo observatorio do *New York Herald*, ainda vae sendo rasoavelmente propicio aos banhistas que suspiram no meio d'elle.

Das praias cada correspondencia nos traz noticia d'um idyllo por subscrição, passado nas respectivas assembléas.

No Espinho canta-se e recita-se de noite e dia, não escapando ao contagio lyrico os proprios abbades, que em vez de se entregarem aos exercicios salutaes do banho e do breviarrio, se entregam pecaminosamente ao das arias italianas.

Na Ericceira os banhistas, segundo resam os communicados, praticam verdadeiras saturnaes de chá, peças concertantes e fatias. A Roma pagã se tomasse banhos do mar, alugava casa na Ericceira.

Em Cascaes manifestam-se, á ultima hora, bellezas funestas que *mutam ou salvam* os folhetinistas, em vez de tomarem socegradamente o seu banho na companhia de suas familias.

Na praia da Nazareth *promove-se* um duelo entre dois banhistas, para entreter a commoção n'aquelles sitios, estabelecendo ao mesmo tempo ás aguas uma certa reputação d'elegancia que lhes falta.

Na Povoia de Varzim joga-se á roleta a ultima crença e o ultimo tostão, e reclama-se no fim a intervenção das auctoridades — quando falta o dinheiro para a passagem.

Finalmente, o exercicio da sensibilidade muito mais do que o da natção, está n'este momento em pratica em todas as praias portuguezas.

Convictivamente, só tomam banhos do mar os que tomam em Lisboa os do Tejo, pelos antigos processos que assignalaram a primeira phase do romantismo. Tal é a convicção e a crença em que elles estão, de que o oceano está circumscripção dentro das barcaças, — no banho geral o de inferior qualidade, e nos banhos particulares o oceano para gente fina, — que se lhes fossemos a dizer que o Tejo não é propriamente um composto d'agua e de glorias patrias, eram muito bem capazes de nos excommungar!

— Entretanto, ao passo que as praias se entregam aos passatempos sentimentaes que as chronicas teem enumerado, Lisboa sente-se tambem influenciada pelo planeta lyrico que n'esta quadra preside aos destinos da sociedade portugueza, e corre ao circo Price a ouvir os concertos classicos dirigidos pelo professor Brenner.

E' impossivel deixar de reconhecer os progressos do espirito publico nacional, se attendermos ao religioso silencio com que os espectadores hoje escutam e applaudem Mendelsson e Haydn, como se nunca tivessem feito outra coisa. N'aquelle recinto, affeito ás gargalhadas dos funambulos e atravessado por visões de salote d'escumilha, com uma palidez feita de giz, resoam hoje os accordes vagos da suave musica allemã no meio d'um recolhimento de espiri-

tos que nos faz parecer um povo de meditati- vos e de mysticos!

E' bom, entretanto, não levar esta cortezia para com os classicos á conta de adiantamento moral e intellectual tão sómente. Provém um pouco d'ahi, sendo o resto apenas uma imposição do noticiario e do *reclame*.

Elles ordenaram ao publico em nome da moda — que é uma coisa por que na baixa se tem uma veneração suprema, embora não se saiba tratar com ella, — que amasse a musica classica, e o publico amou-a.

Conhece-se logo que elle não podia proceder assim em virtude d'um impulso natural, em resultado d'uma educação superior, saindo depois do circo para se estasiar em frente da nova Avenida e dispondo-se a votar na muza camararia que a inspira. Pela minha parte julgo o sr. Roza Araujo perfeitamente incompativel com Beethoven, e não creio que em boa fé se possam applaudir os dois ao mesmo tempo, com os mesmos arrebatamentos d'alma.

— O nosso amor pelos torneios cavalleirosos, pelos grandes exercicios epicos, manifesta-se todavia, ruidosamente, desde o momento em que os classicos emudecem, deixando o campo aberto aos atheletas. Haja vista o favor publico com que foram acolhidos ha tres dias, no mesmo recinto em que a turba exaltava cortezmente em silencio os musicos *inspirados*, Miss Tillie-Russel e o capitão Howe, *primeiro atirador do mundo*, denominado pelo cartaz — *rival* de Guilherme Tell.

Esta phrase, *rival de Guilherme Tell*, deve tomar-se simplesmente á conta da demasia rhetorica de que é costume usar-se nas esquinas das ruas. Seria o mesmo que chamar a um homem feliz, — pelo facto de elle ter as boas graças d'uma Cleopatra da baixa, — rival de Marco Antonio, quando é certo que nem Marco Antonio, nem Guilherme Tell se preocupam hoje muito com os que amam ou com os que atiram ao alvo, nos fins do seculo XIX.

O capitão Howe é um americano e miss Tillie uma americana. Jogam a vida á balla, serenamente, com muito mais placidez de que dois parceiros costumam jogar nas nossas phar- macias o gamão — a feijões. Elle é um athleta e ella uma mulher descommunal. O *Figaro* chamou-lhe o anno passado, por galanteria, a mais formosa mulher que elle tinha visto, mas na verdade ella é simplesmente uma das mais redondas...

A uns poucos de metros de distancia miss Tillie corta com um projectil, por meio da sua clavina, um charuto que o capitão Howe tem na bocca. O capitão corresponde a este golpe de galanteria e de destreza, varrendo com um tiro, á mesma distancia, de costas voltadas, uma maçã que miss Tillie sustenta na cabeça.

A este tempo já a terca parte das familias teem partido, horrorisadas, das cadeiras e dos camarotes, e mais d'um espirito forte, de mão pouco firme, tem vendado os olhos com o lenço de assoar.

O capitão aposta, entretanto, dobrado contra singelo, dez contos contra vinte, com qualquer espectador, em como, cem tiros a fio, dá sempre na maçã de Miss Tillie.

Ora eu não posso admittir que o capitão se queira arruinar, tendo alem d'isso de fazer as despesas do enterro.

Já houve na America quem se propothesse a aceitar a aposta ao capitão Howe, no caso d'elle se prontificar a fazer a seguinte modificação: em vez da maçã estar posta na cabeça de Miss Tillie estar collocada na cabeça de sua sogra.

O capitão por escrupulos de consciencia, apesar de confiar muito em si, não aceitou...

Desde então ficou considerado como o modelo dos atiradores — e dos genros.

Tal é o phenomeno que, conjunctamente com a estudantina de Upsala, se patenteia agora ao publico da capital nos intervallos dos concertos classicos.

— A ultima quinzena foi esteril de obras d'arte. Apenas se fallou muito de obras publicas.

Coimbra, a Luza Athenas, como ainda lhe

chamam nos jornaes da provincia, reclama uma via ferrea que a ponha em contacto directo com o oceano e com S. Petersburgo, quebrando d'esta fórma o encanto das saudosas *nymphas do Mondego* que vão enfim conhecer as vantagens das viagens a preços reduzidos. Coimbra mostra tanta ancia por melhoramentos materiaes que n'este momento era capaz de ceder a Lapa dos Esteios para armazem de mercadorias e consentir que na *Fonte das Lagrimas* pozessem uma bomba para alimentar a caldeira das locomotivas! E dizem por ali que a poesia e o romance mostram tendencias *realistas* incomprehendidas do vulgo!... Não senhor, é o contrario: o vulgo é que mostra tendencias realistas incomprehendidas dos romancistas e dos poetas. Zola e Eça de Queiroz, por exemplo, são uns tristes sentimentalistas ao pé dos srs. negociantes da *Luza Athenas*, attenta a maneira por que elles comprehenderam que a *Lapa dos poetas* pôde valer muito debaixo do ponto de vista das tradições, mas muito pouco considerada em face da *viação acelerada*.

— Lisboa, ao que parece, principia a assustar-se com a largura de noventa metros dada á Avenida em projecto. Verdade, verdade, medindo-se bem, Lisboa considera-se pequena de mais para o arruamento, achando-se que ou ella tem de engordar ou a Avenida de emagrecer.

Foi sempre assim. Os poderes publicos tratando da *toilette* de Lisboa, sempre, em todos os tempos, a metteram em *camiza d'onze varas*, legando apenas aos vindouros, das suas *loucas* aspirações — um tapume eterno!

Lisboa ou tem um ideal estreito como a rua dos Vinagres, ou uma aspiração desordenada como a Avenida do Salitre, balançando-se sempre entre estes dois extremos — ou ella não caber pela rua ou a rua não caber por ella.

Todo o nosso modo de ser social, politico e economico se explica por este symbolo. Por fim de contas o municipio, no Salitre, está apenas realisando expropriações para lançar os alicerces d'uma fabula.

GUILHERME D'AZEVEDO.

AFRICA

O TENENTE LOURENÇO DA ROCHA
NO DAHOMÉ EM 1878-1879

I

Noticias terriveis vindas do reino do Dahomé — O que são os Dahomanos e o que é o Dahomé — Ajudá dos portuguezes, Uidá dos francezes e Lagos dos ingleses — Abeocuta a cidade subterranea — Futuro da Guiné — O forte de S. João Baptista — Lucta burocratica entre o governador e o missionario portuguez — Prisão do negociante Santos — Convito imperativo ao governador portuguez — Viagem através do país do Dahomé Cana a cidade dos feiticeiros — As portas de Abomé.

Pelos fins do anno passado de 1878 constou em Portugal que o governador do forte de S. João Baptista de Ajudá, na costa d'Africa, estava, com alguns soldados, prisioneiro do rei de Dahomé.

Fallou-se depois em combinar uma expedição de tropas que deveria, segundo os boatos, ser composta de contingentes das tres nações que tem estabelecimentos na costa da Guiné: Portugal em Ajudá, a França em Uidá e a Inglaterra em Lagos.

Uma duvida porém sobresaltava os espiritos: Os prisioneiros podiam ser as primeiras victimas da intervenção armada: Dizia-se que, ao approximar-se tropas europeas da capital do rei negro, este faria degolar todos os brancos retidos.

Emfim, passou-se tempo, e uma canhoneira de guerra portugueza, a *Quanza* foi mandada á costa d'Ajudá. O governador e os soldados de Portugal regressaram sãos e salvos.

Soube-se depois, como se verá n'estes artigos, que, o que á Europa se afigurou ser prisão, é apenas a fórma particular da hospitalidade

africana, quando se quer mostrar ao hospede que se preza a sua companhia.

O sr. Lourenço da Rocha, tenente do exercito d'Africa, contou ao regressar á patria as suas aventuras no reino estranho onde habitou alguns mezes, e a sua narração concordando, quanto a costumes, e quanto ás capacidades e physionomia do paiz com as descripções de outros viajantes modernos, habilita-nos, conjuntamente com estas, a dar aos leitores do OCCIDENTE um rapido esboço que será, ainda assim, para muitos talvez, uma interessante lição de geographia.

O OCCIDENTE tem-se ultimamente occupado de todas as viagens feitas por portuguezes ou feitas em territorios que particularmente podem interessar as possessões portuguezas, e tem podido pôr os seus leitores ao facto das circumstancias mais notaveis d'algumas explorações antes que outro qualquer periodico no mundo. O cuidado com que os artigos geographicos são postos d'accordo com as descripções dos viajantes e o esculpulo com que se procura reproduzir mappas e desenhos authenticos, dão, julgamos nós, a esta secção do OCCIDENTE todo o valor de documentos historicos e scientificos.

A historia dos povos indigenas d'Africa, mesmo a dos que ha mais tempo tem relações com os europeus, está ainda (se exceptuarmos alguns ao norte) por investigar e conhecer. Ha apenas hoje documentos fragmentarios.

As raças que actualmente dominam na costa da Guiné, ou pelo menos as nações que ali estão constituidas agora, não viviam n'esses logares ha poucos seculos. Fellatahs e Foulahs, Crus, Achanti, Fantis, Dahomanos, vieram do norte, atravessando as montanhas do Con que fecham pelo sul o valle do Niger, ou talvez das margens d'este, ou talvez ainda como alguns restos dos antigos numidas ou berberes do Marocco ao norte, tendo depois atravessado o grande deserto perseguidos pelos vandalas ou pelos sarracenos.

No seculo xvii Osai Tutu começou a conquista dos pequenos povos que reunidos formaram o poderoso Achanti que ainda ha poucos annos a Inglaterra não conseguiu vencer sem consideraveis perdas. Na fronteira de leste d'este povo, começou nos principios do seculo xvii a invasão do Dahomé. Este povo vivia primeiro para o interior perto dos contrafortes do Con. Para o sul, na approximação do mar começavam em volta d'um macisso isolado de collinas, os alagamentos nas margens dos rios, e depois os grandes lagos onde o mar entra e que são como que extensas bahias fechadas.

Sobre esse macisso de collinas, entre o lago Avon e o lago Denham viviam então quatro povos: primeiro ao norte o Toffoa, depois o Ardrah e em seguida, junto ao mar, o de Uidah e o de Jacan.

Em 1630 Tacodonu, chefe dos Dahome, conquistou Toffoa. Um seculo depois, em 1730, Gundja Truda, apoderou-se de Uidah e logo depois de Ardrah e de Jacan.

Muitos estabelecimentos europeus foram então arrasados e muitos dos seus donos ou habitantes supplicados. Assim se estabeleceu, n'uma extensão de 3 graus parallelos por 3 graus meridianos, o reino de Dahomé.

Os francezes tem desde o tempo da companhia das Indias no seculo xviii uma feitoria em Uidah. Abandonada durante a Revolução e durante o primeiro imperio e a restauração dos Bourbons, começou desde 1842 a merecer mais attenção aos governos e ao commercio.

Por 1852 os inglezes fizeram de Eco ou Lagos, povoação situada á entrada d'um dos grandes lagos da costa, um centro importante de commercio.

Lagos existe ao sul d'um territorio onde os chefes de Dahomé nunca dominaram inteiramente. Esse paiz que se estende até ás bocas do Niger, chama-se Joriba, e é hoje talvez, pelo que vamos contar, o ponto de mais futuro de toda esta parte da Africa.

Joriba era, ha mais de 30 annos, um grande Estado. Mas os Fellatahs invadiram-n'o e pul-

verisaram-n'o, e o commercio dos escravos exportou os grupos dispersos.

Alguns negros, porém, conseguiram viver algum tempo escondidos n'uma grande caverna, situada nas margens do rio Ogan, a 75 milhas da costa. Outros vieram reunir-se-lhes, e dentro em pouco formaram um povo forte e numeroso, hoje conhecido pelo nome de Abeocuta, que quer dizer *debaixo da terra*.

Em 1839 libertos que haviam sido escravizados no paiz de Joruba, e que na colonia ingleza se tinham feito christãos, foram estabelecer-se em Abeocuta. Missionarios inglezes e americanos seguiram-n'os.

Abeocuta é, desde então, o unico poder que tem conseguido fazer parar as conquistas dos reis de Dahomé. N'estes ultimos annos a defeza é dirigida ahi por os missionarios anglosaxonicos, homens praticos que ensinam a religião e fazem, quando é preciso, a guerra.

Por detraz d'elles, promptos a intervir decisivamente quando lhes pareça opportuno, estão os inglezes em Lagos, onde as importações commerciaes sobem já a 400,000 libras annuaes, e as exportações a 500,000.

N'uma estreita lingua de terra, entre as aguas do golfo de Benin e os encharcamentos que communicam o lago Denham com o lago de Eco, defronte da ilha de Badagry, está o forte portuguez de S. João Baptista de Ajudá e a povoação de Ajudá. N'esta como na de Uidah ha auctoridades do rei do Dahomé.

O forte portuguez é uma edificação de barro arruinada, com uma egreja pequena coberta de folha de ferro zincado, e alojamentos em más condições, uns cobertos de telha, mas outros, a maior parte, cobertos de palha. As casas não tem sobrados e os soldados, doentes, dormem no chão.

A artilheria compõe-se de 28 peças de ferro, muitas que remontam ao seculo xvii e que servem, pela maior parte, de encosto, ou de frades, cravadas no chão. No forte não ha balas para as peças, e em março do anno passado não havia mais de 20 kilogrammas de polvora.

Os restos da influencia portugueza são evidentes todavia em todos os territorios de que tenho fallado. Na lingua especial dos habitantes de Dahomé, já mesmo na capital e no interior, usa-se muitas palavras portuguezas. Os chefes das tropas do rei são denominados *cabeceiras*, as terras encharcadas tem o nome de *Lamas*; muitos logares conservam denominações portuguezas.

Os mulatos numerosos, que occupam ás vezes nas povoações da costa bairros á parte, fallam uma especie de dialecto portuguez. Encontram-se estabelecidas de longa data familias portuguezas, outr'ora prosperas com o commercio, terminado, da escravatura.

Na povoação de Uidah, junto á feitoria franceza, parece que a desaparição do trafico dos escravos coincidiu com a quasi extincção do catholicismo que ali haviam introduzido os portuguezes na época da sua maior prosperidade.

As tropas do rei do Dahomé estão n'uma grande parte armadas com espingardas de pederneira portuguezas. No caminho de Abome encontra-se, esquecidas pelas hervas dos campos, peças de artilheria que foram dos antigos estabelecimentos europeus de Savi.

A feitoria portugueza de Ajudá tem um governador e um padre missionario.

Diz-nos o *Diario de Noticias*, pelo ter sabido do sr. Lourenço da Rocha, que este se queixa do padre com quem servia.

Um distincto official de marinha, meu amigo, que esteve de passagem, ha já muitos annos, no forte de S. João Baptista, encontrou esses dois funcionarios na maior desharmonia. Não sei se eram já então o sr. Rocha e o actual missionario. Julgo que eram outros.

Sei só que as coisas haviam chegado ao extremo violento d'elles nem se fallarem, nem quasi se verem, o que devia de ser muito difficil n'uma residencia tão estreita.

Mas o digno governador e o reverendo sacerdote haviam sido bem educados nas prati-

cas da solida burocracia portugueza, e passavam os dias escrevendo e enviando um ao outro longos officios, cheios de considerandos redigidos na mais conveniente linguagem official.

Assim os achou o official de marinha que me narrou este caracteristico episodio das nossas coisas colonias.

N'um d'esses officios, o governador de Ajuda ponderava ao missionario que este lhe devia obediencia como sendo elle governador o representante, n'aquelle ponto de Ajuda, do rei de Portugal. Mas o missionario retorquia-lhe victorioso que elle padre, representando o Papa, representava por isso não menor entidade que o proprio Deus senhor dos exercitos.

Assim viveram muito tempo.

Nos principios de agosto de 1878 o sr. Lourenço da Rocha, governador do forte portuguez de S. João Baptista de Ajudá, foi convidado pelo rei de Dahomé para ir á sua capital com os soldados da guarnição.

Pouco tempo depois repetiu-se o convite e, enfim, como o sr. Rocha por doença e por falta de auctorisação superior, recusasse acceder ao convite, um cabeceira chegou a Ajudá e atravessou com cordas os caminhos. Estavam fechadas por este facto as communicações. Quando isto se faz e alguem quer, apesar de tudo, passar por as estradas, atiram-lhe como a animal feroz.

Os brancos foram então convocados pelo *cabeceira* a comparecer no *Agoré*, e o sr. Rocha fez-se ahi representar pelo seu immediato, o furriel da guarnição.

Quando a assembléa estava já reunida e numerosa, parecia ainda esperar-se alguem. Emfim, um grupo entrou trazendo, á força, o negociante portuguez Ignacio de Sousa Magalhães.

Soube-se então o verdadeiro motivo dos acontecimentos:

O *cabeceira* explicou que o portuguez Jacinto da Costa Santos tinha sido pelo rei de Dahomé encarregado de comprar a um negociante inglez quatro contos de réis de coraes que durante muito tempo não foram pagos, do que resultou prenderem os inglezes o agente portuguez em Quitá, até que o rei de Dahomé pagou, resgatando-o. Acrescentou o *cabeceira*, que Ignacio de Sousa Magalhães fôra quem pelas suas intrigas promovêra essa prisão; que elle além d'isso aconselhava o governador de Ajudá a não ir visitar o rei, que, como negociante, vendia criminosamente as suas fazendas mais caro que outros, que vendeu ao rei aguardente de canna falsificada, etc., etc.: Por tudo isto o rei de Dahomé o fazia prender.

Então, de dentro d'um grande sacco, o *cabeceira* tirou tres gargalheiras de ferro, uma destinada a Ignacio de Magalhães, a outra a sua mulher, e a terceira ao governador portuguez, se este, voluntariamente, não fosse visitar o rei de Dahomé.

Informado pelo furriel, o sr. Lourenço da Rocha pediu ao *cabeceira* a soltura do negociante portuguez: Os negros dizem a tudo que sim, prometem facilmente, mas faltam com não menor facilidade.

Resistir abertamente, libertando á força o preso era possivel no momento mas seria preparar o massacre inevitavel de todos os portuguezes. Obedecer ao convite do Rei e ir á capital interceder pelo accusado era o unico partido prudente a tomar.

O sr. Lourenço da Rocha resolveu partir e, a 29 de agosto de 1878, seguido de sete soldados brancos, punha-se a caminho para Abomé. O rei enviara ao governador portuguez uma escolta de 32 maqueiros e 32 carregadores.

No paiz ha, segundo referem os viajantes, poucos bois; os cavallos não podem lá viver muito tempo e os camellos são desconhecidos. Tudo se transporta ás costas de negros.

A gente de consideração viaja em *maccas* de panno de algodão suspensas de bambús com um toldo que protege do sol e, um pouco, dos insectos ás vezes numerosos.

Caminha-se por esta fórma oito ou dez leguas por dia.

O primeiro ponto em que pararam á noite foi Savi ou Xavy, povoação situada no alto da primeira das collinas em que estão collocadas todas as cidades importantes entre o lago Avon e o lago Denham até Abomé, no norte.

Em volta ha florestas de palmeiras, a *Elais Guineensis*, d'onde se extrae o oleo que é alli um dos principaes artigos de commercio. Nas grandes clareiras das planicies ha culturas extensas de milho, de mandioca, de inhames, de algodoeiros.

Ignacio de Magalhães, o negociante preso que vinha com sua mulher muito atraz da caravana do governador portuguez, chegou pouco depois d'este a Savi. Ahi ficaram, porem, incommunica-veis.

Na manhã seguinte continuaram a marcha.

Sobre os territorios para o norte, mais para o interior, a vegetação é immensa. Os campos e as collinas estão cobertas de palmeiras, de coqueiros, de enodendros collossaes, de magnolias, de diversas especies de mimosas, de bananeiras, de limoeiros, de lorangeiras, enleadas pelos cipos, pelos convolvulos, tendo aos pés os ananazes silvestres e as mimosas sensitivas.

N'estas florestas as aves, que o ruido das caravanas levanta e faz voar aos milhares, têm cores vivas, ás vezes com o brilho particular dos metaes ou das chammas.

De tempos a tempos, e na proximidade de povoações, apparecem campos cultivados.

As estradas cortadas através da vegetação são largas e relativamente boas.

Ao norte de Tofoa encontra-se uma grande lagôa, coberta de mangas e arbustos diferentes, larga de duas leguas e meia e consideravelmente extensa.

Depois da estação das chuvas a agua é ahi abundante e o rei de Dahomé que conhece as difficuldades de a atravessar, considera-a como a grande defesa da capital, mas a agua é pouco funda na estação secca, e as terras encharcadas e a vegetação marcam então, em muitos pontos, apenas o seu logar. Dão-lhes por isso a este e a outros lagos da mesma natureza, o nome portuguez de *Lamas*.

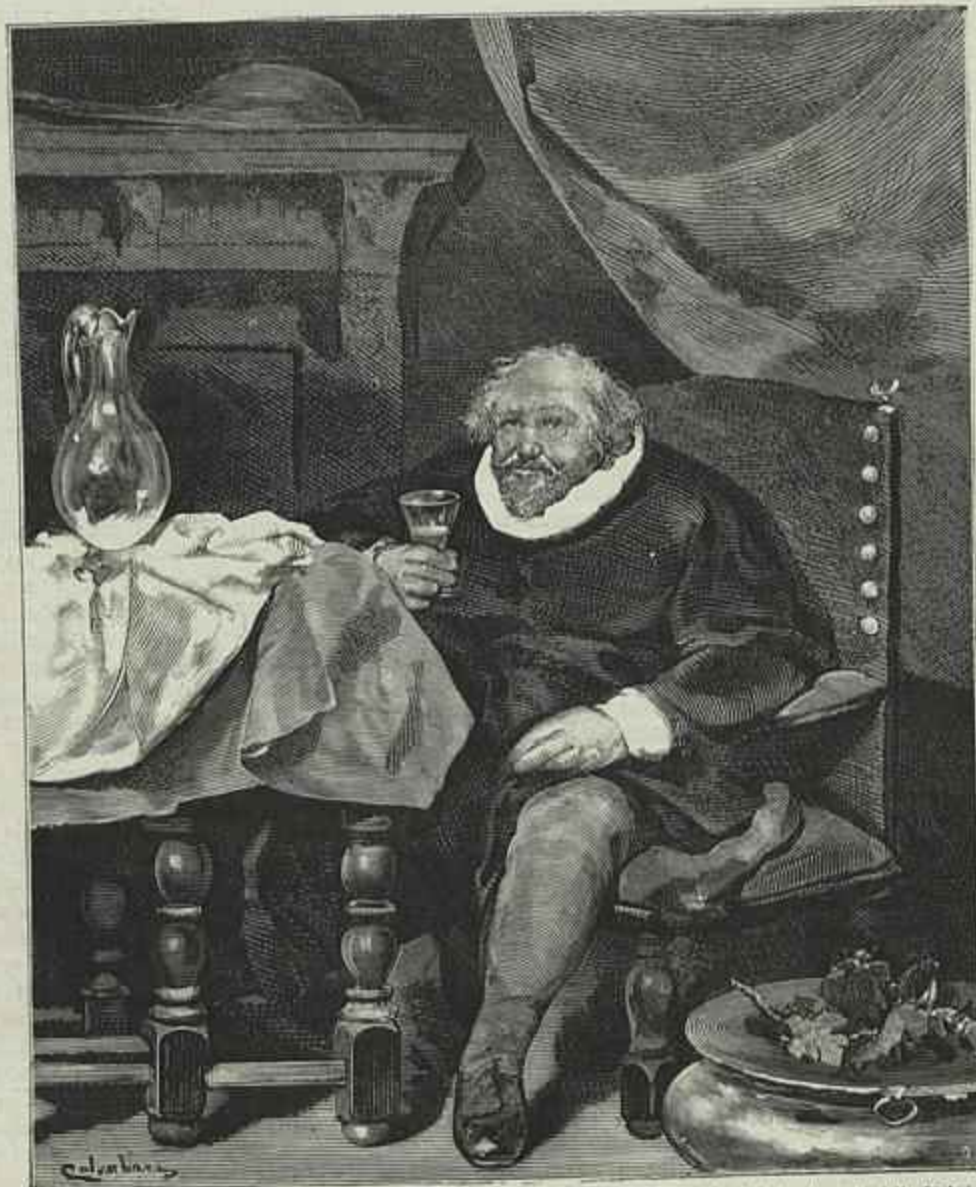
A 2 de setembro o sr. Lourenço da Rocha chegou ao Cana, a residencia dos *feticheiros* e dos *feticheiros* mais importantes do Dahomé: É uma povoação importante cujos arredores tem o aspecto dos campos cultivados da Europa. D'alli a Abomé a distancia é apenas de duas leguas.

Quarenta negros armados de espingardas e dando com ellas descargas para o ar, em signal de regosijo, vieram então ao encontro da escolta do governador.



DR. JOSÉ FERREIRA D'ARAÚJO — Redactor da «Gazeta de Noticias» do Rio de Janeiro
(Segundo uma photographia de Alberto Henschel & C.ª)

EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA NO RIO DE JANEIRO EM 1879



SECÇÃO DE BELLAS ARTES. — O ÚLTIMO COPO — (Quadro de Columbano Bordallo Pinheiro)
(Desenho do mesmo auctor)

Pararam todos e um *cabeceira* apresentou a este e aos seus soldados garrafas com bebidas alcoolicas.

Continuaram no dia seguinte.

Mas, a meia legua da capital, todos pararam de novo. Collocaram então no meio da estrada uma mesa e sobre ella muitas garrafas cheias.

A pouco e pouco iam chegando os homens armados de Abomé, e os *cabeceiras* que os commandavam, girando tres vezes em volta da mesa e do governador portuguez; e por fim, apertando-lhe a mão amigavelmente e bebendo abundantemente á saude do rei de Portugal, iam os chefes sentar-se em bancos aos lados da estrada.

Chegou por fim o filho mais velho do rei, no meio d'um grande tropel de musicas barbaras e de gentios que dançavam gritando.

E, continuando logo depois a marcha, avistaram as portas de Abome.

A capital do Dahome não tem menos, segundo um viajante moderno, de 12 a 15 millhas de circuito, determinado por uma parede continua de barro, de cerca de 6 metros de alto, junto da qual cavaram um fosso largo e profundo.

Perto das portas de entrada e espetadas sobre os muros, vê-se cabeças cortadas aos inimigos ou ás victimas dos grandes sacrificios, algumas, recentes, ainda cobertas de carnes dilaceradas, outras reduzidas só ás caveiras ressequidas.

(Continúa).

ALBERTO DE CERVAES.

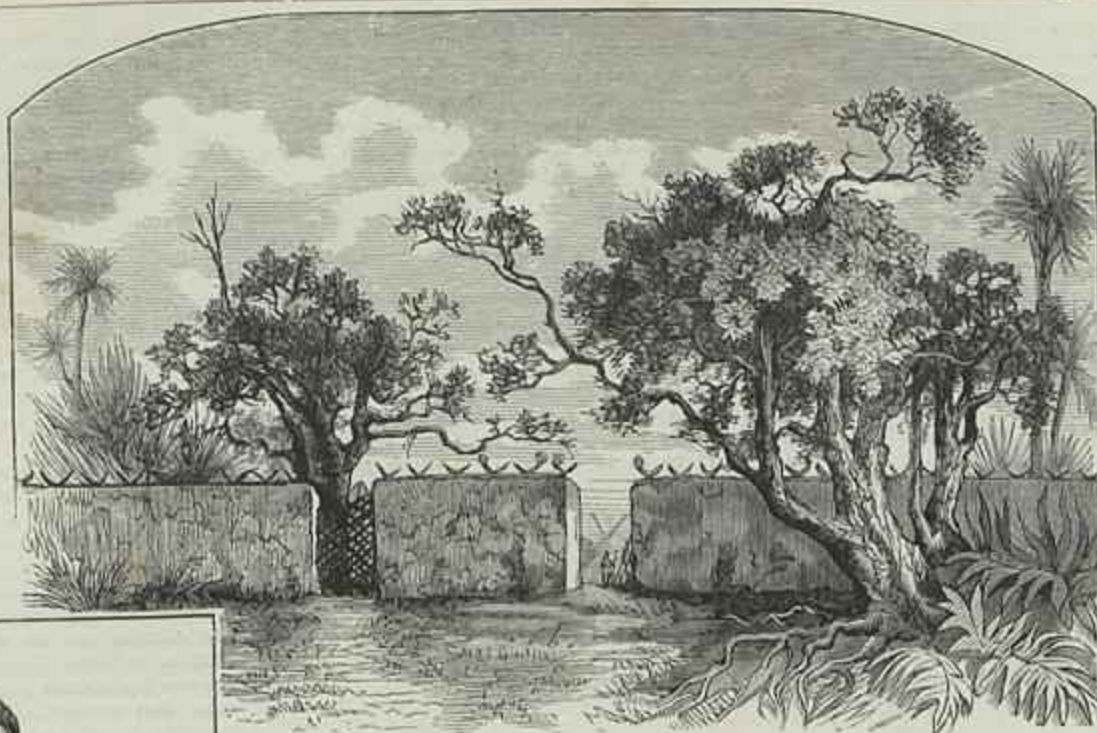
DR. JOSÉ FERREIRA D'ARAÚJO

Publicando hoje o retrato do dr. José Ferreira d'Araujo, redactor e proprietario da *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro, procuramos tão sómente dar testemunho de consideração a um dos nossos mais notaveis colegas da imprensa d'alem mar.

A nova feição que a *Gazeta de Noticias*, de que foi um dos fundadores e de que é actualmente redactor principal, tomou desde que elle assumiu a sua direcção é uma prova do que deixamos dito. Ali as discussões são tratadas sobre o ponto de vista o mais logico e liberal, sem preocupação de partidos, nem mesmo de individualidades. Deve-se este notavel resultado, infelizmente pouco seguido na imprensa brasileira, ao caracter elevado, espirito pratico, e methodo rigorosamente scientifico do seu principal director.

Deixando completa liberdade aos seus collaboradores, tem porem a grande tactica de saber contel-os dentro dos limites do conveniente e do justo.

Este modo de proceder tem acarretado áquelle jornal e ao seu principal redactor, alguns rancores e odios de partidarios acanhados, mas tem-lhe por outro lado ganho as sympathias publicas, tornando a *Gazeta de Noticias* uma folha extremamente lida e considerada.



AFRICA — VISTA DAS PORTAS DA CIDADE DE ABOMÉ. — O TENENTE LOURENÇO DA ROCHA. — AS AMAZONAS DO DAHOMÉ EM COMBATE. —
 COMO SE VIAJA NO DAHOMÉ

Reconhecendo quanto valem os dois partidos políticos que actualmente militam no Brazil — um gasto, cansado e talvez um pouco auctoritario, outro impetuoso, mas pouco logico, energico mas sem plano e não menos auctoritario, conserva-se affastado d'ambos, fazendo bem claras na imprensa, tanto as manchas como as glorias de cada um dos adversarios. Porque seria uma injustiça não confessar que o Brazil deve a realisação de nobres idéas aos conservadores, e seria da mesma fórma mesquinhez de animo, desconhecer as boas intenções administrativas dos liberaes.

Além de jornalista notavel e do molde de muitos que estão actualmente em actividade na imprensa européa, é um medico distincto de olhar seguro e acção firme e efficaç.

Milhares de doentes lhe devem a vida. Esquece-se porém quasi sempre de mandar a conta aos pobres.

O seu curso na Escola de Medicina foi um dos mais brilhantes do seu tempo, formando-se na idade em que a maioria geralmente se matricula.

Vivendo no meio d'uma sociedade aparentemente livre de preconceitos, mas no intimo profundamente eivada d'elles, sabe fazer justiça a todos, olhando para as obras, e nunca discutindo o auctor.

As unicas aristocracias que respeita são as do talento e da honradez. Mão que elle aperte qualquer lhe pôde tocar sem receio; talento que elle considere, postos de parte uns tantos por cento de natural benevolencia, todos podem acatar como tendo valia de peso.

A sua principal arma é a polemica, em que se manifesta em toda a plenitude o seu methodo experimental. É um espirito penetrante auxiliado por uma verve inexgotavel e incisiva. Tem moralidade, talento e seriedade.

Seria um bom lente de medicina se não fosse um excellento jornalista.

Todos os jornaes publicaram ha pouco a descripção da festa de confraternidade celebrada entre os jornalistas do Rio de Janeiro, reunidos nas officinas da *Gazeta de Noticias*, a proposito da inauguração das mais aperfeiçoadas machinas typographicas introduzidas nas officinas d'este jornal. Ao dr. Ferreira d'Araujo cabe a gloria de ter evangelisado na America do Sul o jornalismo popular, vulgarisando por meio d'uma folha diaria a multiplicidade d'idéas e de factos que hoje constituem o patrimonio do espirito humano, tornando, auxiliado por alguns moços de talento e boa vontade, á custa de esforços incessantes, a *Gazeta de Noticias* uma folha de primeira ordem, quer pelo lado material, quer pela intelligente e honrada direcção que a ella preside.

Algumas palavras mais:

Sem preconceitos de nacionalidades, o distincto jornalista sabe estender franca e lealmente a mão a todos os portuguezes que supõe dotados do patrimonio do caracter ou da illustração.

Ou seja isto um sentido tributo pago á memoria dos seus paes, ou um simples impulso do seu coração franco e leal e da sua intelligencia esclarecida, os filhos de Portugal devem-lhe reconhecimento por esta manifestação de caracter e de confraternidade que assignalam o talentoso jornalista como um homem digno da sua época e compenetrado das idéas cosmopolitas que devem assignalar a superioridade dos paizes civilisados.

Tal é o homem, segundo o excellento desenho que nos offerece Raphael Bordallo Pinheiro, e segundo os traços largos que de longe nos inspira a sua physiognomia moral.

LINO D'ASSUMPÇÃO.

AS NOSSAS GRAVURAS

BUSSACO — A PORTARIA DE COIMBRA

Magnificas descripções, excellentes roteiros se teem até hoje publicado da veneranda floresta, da qual daremos mais d'uma estampa. Não cançaremos o leitor com a repetição dos logares communs usados quando se trata d'esta *mansão de paz, d'este refugio d'almas*, como tantas vezes se tem chamado ao Bussaco. O nosso intento é mais simples. Chamamos hoje reproduzida em gravura a denominada *Portaria de Coimbra*, bem conhecida dos que uma vez visitaram a pittoresca ma'ta, e submetemol-a á contemplação do leitor.

Como se sabe a *Portaria de Coimbra* — assim chamada por estar voltada para o lado d'esta cidade. Consta de dois portaes, que emparelham um com o outro, e entre elles, na parede, vêem-se duas lapides aonde se acham gravadas duas antigas bullas: uma do papa Gregorio xv, prohibindo a entrada de mulheres no eremiterio, outra d'Urbano viii, impondo a pena d'excommunhão maior a quem cortasse arvores da floresta.

Na frente da portaria ha um espaçoso terrapleno assombreado por grandes freixos, e no meio firmada

n'uma peanha de degraus d'alvenaria, uma cruz tosca de cedro, como se vê na nossa gravura.

A serra, revestida d'arvores seculares, erizada de grandes rochedos, vae-se empinando d'este ponto até celebrada Cruz-Alta, d'onde se desenrola á vista do forasteiro o panorama mais encantador e mais sentido que as vistas do homem podem abranger.

O ULTIMO COPO

Este pequenino quadro figura actualmente na exposição portugueza do Rio de Janeiro, e é devido ao pincel de Columbano Bordallo Pinheiro, o talentoso artista de quem o OCCIDENTE já tem dado á estampa outros delicadissimos trabalhos.

Da intenção e do esmero d'esta composição notavel é desnecessario fallar quando o leitor a tem á vista. Ha verdade na expressão da figura, extremo cuidado nos accessorios e bastante estudo nos detalhes. Deve por isso ser vista com agrado por todos os que sabem apreciar os trabalhos de similhante natureza.

O OCCIDENTE, no intento de tornar conhecidos outros trabalhos identicos, enviados á referida exposição, ill-os-os-ha reproduzindo nos numeros subsequentes, bem como as diversas vistas das salas em que os productos da arte e do trabalho do nosso paiz foram expostos no Rio de Janeiro.

FREI MARTINHO DE SANTA MARIA

INSTITUIDOR DA ORDEM DA ARRABIDA

Agiganta-se a serra d'Arrabida sobre o cabo de Espichel. Pittoresca, bella e sobranceira ás ondas, é logar adaptado á melancolia e á meditação. Nos principios do seculo xvi um maritimo flamengo ou inglez, arremecado aquelle sitio por uma tormenta, de que se salvou, invocando o auxilio da Virgem Maria, fundou alli uma capella, e distribuindo os seus haveres em obras pias, foi ser seu primeiro ermitão. Decorreram annos. Havia alguns que um nobre mancebo hespanhol e da mais alta nobresa, D. Martinho, filho legitimo do conde de S. Martinho del Puerto, ardente e ascetico, deixando o mundo, professára a regra minorista nas mãos do provincial fr. Francisco de Samora em 1530. Comtudo ainda aquella estreiteza não satisfazia o seu espirito religioso. Cuidadoso de se afastar de todo o tracto do mundo, fez uma romaria a Nossa Senhora de Guadalupe alguns annos depois. Encontrou-se ali com o duque d'Aveiro D. João de Lencastre, neto de D. João II. Trataram-se, acharam-se parentes, e conhecendo o duque as suas intenções lhe indicou como sitio apto para ellas, aquella serra vizinha á sua morada favorita de Setubal. Impetradas licenças, recebida a auctorisação necessaria, veio Martinho em 1540 com um irmão leigo habitar o logar de seu desejo. Feita uma cella no flanco da serra, despojou-se de todos os commodos. Sem habito, vestido n'um burel muito estreito e cingido ao corpo por grosso esparto, a cabeça coberta com um capuz e os pés descalços, seguia Martinho a sua vocação. Esmolava pelos arredores trazendo os alforjes ás costas por caminhos asperos e duros, sustentando-se com poucas onças de pão. Humilde, manso, modesto, amigo dos pobres, com quem praticava todos os actos de caridade, dando-lhe até o que lhe davam, porque elle só queria o preciso para um dia, viu-se ao fim de sete mezes abandonado do companheiro, que não ponde aguentar aquella asperesa de vida. Assim permaneceu um anno só, no fim do qual se lhe veiu juntar fr. Pedro d'Alcantara, e depois pouco a pouco outros; aquelles que eram mais entrados na idade não podiam com tal dureza de vida e retiravam-se. Nova especie de convento, as cellas eram praticadas no monte, e affastadas umas das outras, para que se não vissem e podessem gemer, orar, e disciplinar-se cada um a seu talento, sem ser ouvido dos outros. Em 1542 vindo a Portugal fr. João Calvo, geral da ordem foi-os visitar, animou-os a perseverar, insitiu presidente e prelado do pequeno ajuntamento a fr. Martinho de Santa Maria, juntando-se-lhe movido de tal devoção, fr. Archangelo que acompanhára o geral. Um anno depois o infante D. Luiz, estabeleceu no Hospital de Todos os Santos uma enfermaria para estes religiosos. Ao cabo de poucos annos, gasto da asperesa da vida eremitica tendo sido creado entre as gallas da nobreza, falleceu em 1547 aquelle homem sincero e crente, mas eivado dos defeitos de uma mal entendida religião, moço ainda, quando poderia prestar muitos serviços á humanidade, sendo trazido o seu cadaver para o convento de S. Francisco da Cidade, onde foi sepultado.

Em 1622 o 4.º duque d'Aveiro, devoto d'aquelle cenobita, mandou-lhe erigir a estatua que representa a nossa gravura, toda symbolica; n'uma das mãos uma tocha que é a da fé que alumia as consciencias, na outra as disciplinas com que se mortifica, os olhos fechados para as gallas e vaidades do mundo, a bocca cerrada por um cadeado mostrando quanto era parco de palavras, o peito com uma fechadura para que alli

não entrem pensamentos da terra; apeanha a estatua um globo no qual se lê a seguinte inscripção:

EFFIGIES FRATRIS MARTINIA
SANCTA MARIA, QUI IN HOC
BARBARICO MONTE, E SANTE
LOCO PRIMUM CENOBIIUM
HUIUS SANTE RELIGIONIS
CAPUCINORUM DE ARRABIDA
SIC FUNDAVIT,
ANNO MXXLII
ET DOMINUS ALVAREZ, QUARTUS
DUX DE AVEIRO, E TERTIUS PATRONUS
HUIUS SANCTAE PROVINCIAE, UT
MEMORIA TANT VIRI, E FILIORUM
EIUS IN POSTEROS PERMANEAT, TYPUM
POSUIT ANNO DOMINI MDCXXII

Subindo a serra para o convento encontra-se um largo, em frente depara-se-nos um penhasco com um calvario, e defronte d'elle a estatua de S. Pedro de Alcantara; entrando por um e outro lado d'este penhasco, a vinte e cinco passos acha-se outro que representa o monte Alverne, e sobre elle a imagem de S. Francisco recebendo as chagas; por duas entradas que offerece este, se desce a uma lapa onde está a imagem de Santa Maria Magdalena; defronte da lapa desce-se um degrão para um pateo, ao fundo do qual entre dois arcos abaidos se eleva a estatua de marmore de fr. Martinho, que tem quasi dez palmos de altura. É assás curiosa como a gravura mostra.

B.

ENSAIOS E NOTICIAS SCIENTIFICAS

CONSTITUIÇÃO PHISICA DO SOL

IV

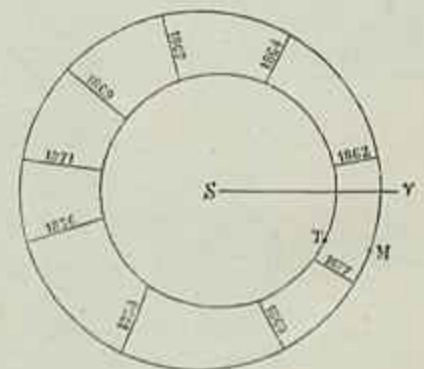
DISTANCIA DO SOL Á TERRA

(Continuado do n.º 40)

A primeira das leis deduzidas por Kepler da observação dos planetas, e posteriormente confirmadas como consequencias do principio da attracção universal pelas deducções da mechanica celeste, ensina-nos que as orbitas dos diferentes planetas são ellipses descriptas em diversos planos e com diferentes eixos.

A terceira d'essas leis estabelece uma relação analytica definida entre os tempos gastos por dois planetas no completo percurso das respectivas orbitas (grandezas estas rigorosamente determinaveis pela observação) e os eixos maiores d'estas.

(Fig. 5.ª)

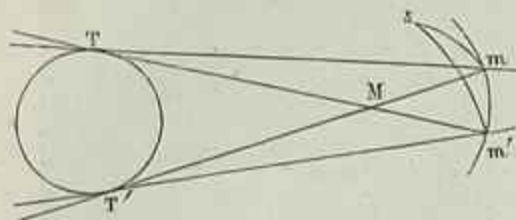


S representa o Sol, foco commum das duas ellipses T e M orbitas da Terra e de Marte. O eixo maior da orbita terrestre (cuja grandezza desconhecida é a incognita do problema que pretendemos resolver) é na fig. 5.ª uma grandezza arbitraria, o da de Marte é o que resulta da determinação dos tempos de revolução dos dois planetas e da relação estabelecida pela terceira lei de Kepler.

Assim, áparte a hypothese menos verdadeira, bem que admissivel em relação á ordem de illações que pretendemos tirar da figura, de que as orbitas dos dois astros estão no mesmo plano, a figura 5.ª representa com exactidão as posições relativas do Sol, da Terra e de Marte.

Da simples inspecção da figura deduz-se que quando Marte estiver nas proximidades de M, está muito menos distante da orbita terrestre do que o Sol; por fórma que, quando em tres circumstancias, se realizar uma *conjuncção* dos taes astros, isto é, quando os centros do Sol, da Terra e de Marte estiverem em linha recta, estando a Terra e Marte ambos do mesmo lado do observador situado no sol, é muito mais facil, só pelo facto da menoridade da distancia, determinar a da Terra a Marte, que a da Terra ao Sol,

Supponhamos pois Marte n'essa posição excepcionalmente favorável, e supponhamos ainda que dois observadores, situados em dois pontos da superfície da terra (fig. 6.^a), T e T' , observam simultaneamente Marte em M . Os dois raios visuaes TM e $T'M$ que se cruzam em M projectarão o astro em dois diferentes pontos da abobada celeste, m e m' .

(Fig. 6.^a)

O conhecimento da grandeza do arco $m m'$ descrito do ponto M como centro daria a medida do ângulo correspondente $m' M m$, e, por consequência, a do equal e verticalmente opposto $T M T'$ que combinada com a grandeza conhecida da corda $T T'$ dava por um simples calculo trigonometrico a incognita $T M$ ou $T' M$. O arco $m m'$ que nos é dado apreciar da terra por observação directa não é, porém, o arco $m m'$ acima referido cujo centro está em M , mas um outro arco $m m'$ descrito de T ou de T' com o raio $T m$ ou $T' m'$. Attendendo, porém, a que a abobada celeste deve suppor-se a uma distancia infinita, em relação á qual podem desprezar-se um erro de grandezas, taes como $M T$, o arco $m m'$ descrito de M deve ter-se como exactamente equal ao descrito e observado de qualquer ponto terrestre.

A exactidão do resultado depende portanto especialmente do rigor com que fór medido o arco $m m'$. Qualquer erro committido n'esta medida reproduzir-se-ha em proporção no resultado final do nosso calculo, a distancia do Marte á Terra.

D'esta resumida exposição do methodo que analysamos, parece á primeira vista dever concluir-se que, salva a menci onada inferioridade da distancia, tocamos nas mesmas difficuldades insuperaveis que encontramos quando pretendemos applicar analogo processo á medida directa da distancia solar.

Não succede, porém, assim. A multidão innumera de pontos fixos de referencia existentes para o astronomo moderno em qualquer ponto do céu, as estrellas, e o facto de taes pontos de referencia, estarem a uma distancia do observador infinitamente superior á do ponto observado (Marte) torna possível a medida rigorosa do arco $m m'$.

Determinar no espaço a direcção de qualquer das linhas TM ou $T'M$ sem relação a algum ponto fixo de referencia seria impossivel. A determinação exacta do arco $m m'$ é relativamente facil pela possibilidade de medir com rigor as distancias angulares $s m$ e $s m'$ entre m e m' e uma estrella qualquer conhecida s , que os actuaes meios instrumentaes telescopicos nos permitirão sempre encontrar nas proximidades de m e m' , o ângulo diédro comprehendido $m s m'$, e portanto de conhecer o terceiro lado $m m'$ do triangulo espherico $s m m'$.

Conhecida a distancia de Marte á Terra, a combinação da primeira com a terceira lei de Kepler fazem conhecer por meios analytico-geometricos, cuja exposição nos faria sair da indole e naturaes limites d'este estudo, a distancia da Terra ao Sol.

A applicação do methodo que acabamos de descrever tem dado successivamente os seguintes resultados.

Kepler, baseando-se nas observações de Marte feitas por Tycho-Brohe, affirmou categoricamente que a parallaxe solar não era superior a $4''$ (o que equivalia a dizer que a distancia solar não era inferior a 13.500.000 milhas).

A notavel inexactidão do similhante resultado, o primeiro aliás que dava uma idéa aproximada da enorme distancia procurada, deve attribuir-se á qualidade das observações em que se baseava, observações a que, em vista da perfeição dos modernos meios instrumentaes, é licito alcanchar de grosseiramente imperfeitas.

Mais tarde, Cassini, calculou para Marte, n'uma dada epocha, e fundando-se em meios de observações mais rigorosas uma parallaxe de $25''$, a que correspondia uma parallaxe solar de $10''$.

O proprio Cassini, porém, analysando as observações em que fundára os seus calculos, exprimia a sua convicção de que a parallaxe solar não devia exceder $9''$,5, o que equivale a uma distancia solar não inferior a 85.000.000 milhas.

Flemsteed deduziu tambem de observações proprias uma parallaxe solar de $10''$, equivalente a uma distancia da Terra ao Sol de 81.700.000 milhas, apreciação exactamente equal á que resultou da applicação do methodo que descrevemos ás observações feitas por Lacaille no Cabo da Boa Esperança combinadas com as que em diferentes pontos da Europa realisavam simultaneamente outros astrónomos.

De outros resultados mais proximos da verdade obti-

dos modernamente pela applicação d'este methodo, daremos opportunamente noticia, quando tivermos occasião de comparal-os com os valores da distancia procurada, obtidos por meio dos outros methodos de que nos iremos successivamente occupando.

Convém acrescentar para mais completo conhecimento do methodo que descrevemos, que apesar de se realisarem as conjunções de Marte e da Terra com o intervalo aproximado de 780 dias, poucas são aquellas em que o astro se acha nas condições acima indicadas. Na fig. 5.^a SV é a linha que os astrónomos tomam como ponto de partida para a contagem do movimento angular dos astros nas respectivas orbitas; as linhas marcadas com as datas 1856, 1858, etc., representam as respectivas linhas de conjunção dos dois astros desde a de 1859 até á de 1877. Do simples exame da figura conclue-se immediatamente que apenas as conjunções de 1860 e 1862 e muy principalmente a de 1877 se realisaram em condições realmente favoraveis á resolução do problema de que nos occupamos.

(Continúa.)

H. DE MACEDO.

MANUEL BORGES CARNEIRO

II

1820-1823

(Continuado do numero antecedente)

Depois de haverem organizado a constituição politica e de a haverem jurado, assim como D. João VI, a familia real e todos os funcionarios e corpos populares, com raras excepções, foram encerradas as côrtes extraordinarias e constituintes a 4 de novembro de 1822, tendo durado a sessão quasi dois annos consecutivos de um trabalho indefesso.

Procedeu-se a novas eleições e foi aberta a primeira sessão ordinaria das côrtes em Portugal a 15 do mesmo mez! Que civismo e que entusiasmo não electrizou então o corpo da nação!

A figura que Borges Carneiro fizera nas côrtes constituintes fôra tal, que os votos populares de seis circulos eleitoraes honrando o seu nome, honraram-se com essa escolha. Nem o proprio Fernandes Thomaz tivera tal demonstração de sympathia e respeito.

Na sessão preparatoria foi o seu nome escolhido para a commissão de verificação de poderes, e Borges Carneiro ficou representando um dos circulos de Lisboa. Quatro dias depois fallecia o grande fautor do movimento liberal Manuel Fernandes Thomaz, e na sessão de 20 annunciava o presidente, no meio do sentimento geral, esta triste nova á camara. A 2 de setembro apresentou Borges Carneiro a seguinte: *Indicação* — «Segundo o código sagrado da sua constituição devem os portuguezes ser justos: e da justiça é a gratidão uma parte essencial. Pela mesma constituição devem remunerar-se os serviços importantes que se fazem á patria; e que mais importantes que os de quem, para lhe dar a liberdade, arriscou sua vida, abreviou seus dias, e augmentou as suas dividas? Vós sabeis já, senhores, que eu fallo do illustre varão, e nosso muy saudoso collega, Manuel Fernandes Thomaz, a quem se pôde chamar o patriarcha da liberdade portugueza: elle viveu e morreu pobre, sorte que, em Portugal, quando foi patrimonio de déspotas, tocou quasi sempre á virtude. Peço por tanto que se decrete que a nação tome a seu cuidado as exequias de Fernandes Thomaz, a sustentação da sua viuva, e a educação de seus filhos.» Como é grandemente singella esta linguagem! como se comprehendiam bem estas duas grandes almas! Basilio Alberto assignou esta moção, Derramado pediu para a assignar.

Os assumptos succediam-se, e Borges Carneiro que já, em algumas sessões das côrtes constituintes, tinha verberado a linguagem que o principe real, D. Pedro, empregava nas suas cartas a seu pae, com relação ao congresso, pronunciou, na sessão de 10 de janeiro de 1823, um discurso notavel a respeito dos successos do Brazil, com uma impugnação vehementissima dos actos despoticos do mesmo principe. Como elle tinha dito outra vez, «não se vi-

Quando se agitou a questão da protecção mutua de Portugal e Hespanha, para manter a constituição, pronunciou outro notavel discurso sobre a independencia nacional, defendendo aquella alliança, recordando a que os reis para sua conveniencia haviam feito nos congressos de Layback e Verona. Conhece-se em todas as suas fallas um certo desalinho ás vezes, e uma chaneza de phrase, que nos representa perfeitamente o caracter lhano, aberto, e nada refolhado do integerrimo funcionario, e a expontaneidade desaffecteda com que no momento da discussão, apresentava rapidamente as suas idéas, nascidas da sua vasta instrução e capacidade, e do seu espirito sincera e soberamente liberal.

A 27 de fevereiro houve sessão extraordinaria e um assumpto grave, veiu occupar a attenção da assembléa.

O ministro da justiça deu conta á camara de um officio, que recebera do governador da justiça do Porto, e de uma carta particular, que a pedido leu, participando que o conde de Amarante andára por diversas terras do Minho, e recolhendo a Traz-os-Montes, á frente de alguns milicianos e povo, que alliciára, levantára em Villa Real os gritos de *morra a constituição e todos os seus sectarios*. Assim correspondia a reacção á cordura e longanimidade das côrtes liberaes!

Acabando de fazer a communicação, pediu o ministro ao congresso as providencias que julgasse convenientes. Borges Carneiro foi o primeiro que se levantou, começando d'esta maneira: «eu com bem socego fallarei, nem vejo caso para grande agitação; só sim para grande horror. E' irresistivel o espirito nacional e o amor da liberdade, já altamente arreigado nos animos portuguezes: é illimitada a nossa confiança na honra e brio que a tropa tem mostrado pela prosperidade nacional, apresentando-se desde o principio como sustentaculo de uma causa, que sempre proclamou e apoiou com tanta dignidade, etc.» e, seguro da impotencia da rebellião, disse que era necessario não perder tempo a atalhal-a, e propoz que se pozesse em pratica o art. 211.^o da Constituição, que nada mais era preciso.

Apresentaram sempre aquellas côrtes a maior consideração pelo exercito, resolvendo contra a opinião de alguns que opinavam que os militares não deviam ter voto, que era muito conveniente que como cidadãos se interessassem pela causa publica.

Quando na sessão do 1.^o de março se participou que á porta da salla estava o brigadeiro Pimentel, o coronel José Corrêa de Faria, de cavallaria 10, e sua officialidade, para felicitar o congresso e prestar-lhe de novo o juramento de sua fidelidade, não só foi essa noticia recebida com entusiasmo, mas introduzida solemnemente na salla aquella officialidade, foram recebidas com a maior demonstração de agrado as suas declarações, dignas de se lerem, sendo victoriada pelos deputados, e reconduzida com a mesma solemnidade no meio de indiscriptível regosijo. O mesmo acontecera já com a de infantaria 18. Nenhum perigo achavam aquelles grandes patriotas, nas manifestações collectivas de respeito, brio e pundonor militar.

Emfim, estas magnas côrtes que se achavam reunidas por mais de dois annos, com o pequeno intervalo que medea do encerramento das geraes e constituintes á abertura das ordinarias, foram encerrados a 31 de março de 1823.

Não houve, nem torna a haver um congresso tão liberal, sincero e sensato. Não ha demasias, não ha discursos de dois ou tres dias para qualquer ninheria, não ha invectivas pessones. Discute-se com alma e consciencia. Atacam-se os vicios, os erros, os crimes, mas respeitam-se as pessoas: procura-se reformar e melhorar, não demolir a sociedade. E por isso que ainda hoje, entre as pessoas antigas, é citado com veneração o anno de 1820 e as suas côrtes, designação porque sempre foram conhecidas.

Ellas organisaram as bases da constituição e depois a propria constituição, o juramento de acceitação d'estes documentos, foram actos

de entusiasmo e regosijo. Extinguiram a inquisição, a intendencia geral de policia, o tribunal da inconfidencia, a mesa da consciencia e ordens, o desembargo do paço, a tortura, os direitos banaes e as coutadas, os privilegios do foro especial e de aposentadoria; providenciaram com relação á universidade de Coimbra, companhia dos vinhos do alto Douro, e agricultura em geral; sobre o melhoramento das cadêas, soltura e condições dos presos, sobre o exercito e expostos; sobre a formação dos codigos civil, commercial, penal e do processo; sobre o codigo penal militar e de marinha; regularam o provimento, collação e renuncias dos beneficios ecclesiasticos, a bibliotheca publica de Lisboa, e horas de leitura; tornaram publicas as aulas do collegio dos nobres; decretaram a liberdade do ensino, permitindo a cada cidadão abrir aula de instrucção primaria; — proclamaram a liberdade de imprensa e regularam o seu exercicio, decretaram a criação do banco de Lisboa, de cemiterios em todo o reino; a reforma do correio; a reorganisação das alfandegas, formando a necessaria pauta; reorganisaram a fazenda e thesouro publico; — procederam á declaração dos bens nacionaes, e á sua applicação á amortisação da divida publica, etc. Muitas outras providencias foram tomadas, porque de nada se descuidaram; por isso os sabios, os artistas, os publicistas de toda a parte lhe offereciam os seus serviços. Jeremias Bentham offerece as suas obras e conselhos; Eduardo Levingston o projecto de um codigo; o grande Sequeira a composição de dois famosos quadros; Bomtempo, a Musica de uma missa solemne. Foi um spectaculo grandioso, um signal de vida exuberante, infelizmente atrophiado pelas intrigas de uma senhora pouco escrupulosa, e os desvarios de um mancebo ignorante, seu instrumento.

(Continúa.)

BRITO REBELLO.

RAINHAS DE PORTUGAL

POR

F. DA FONSECA BENEVIDES

Por occasião de sair á luz o primeiro tomo do magnifico e consciencioso trabalho historico *As Rainhas de Portugal*, devido á penna erudita, elegante e correcta, do sr. Fonseca Benevides, tivemos occasião de nos referir a elle, gabando-lhe as excellentes qualidades e o cuidado que o distincto professor tinha posto nas suas investigações e nos seus estudos.

O segundo e ultimo tomo que ha pouco acaba de apparecer, completa a obra que reputamos como uma das mais apreciaveis e que



D. CATHARINA D'AUSTRIA, MULHER DE D. JOÃO III

Cópia de um retrato pertencente á Real Casa Pia

(Gravura extrahida do livro *Rainhas de Portugal*, por F. da Fonseca Benevides)

FREI MARTINHO DA ARRABIDA

(Segundo um desenho de L. Vermorel)

mais honram as letras portuguezas, e impõe-nos a obrigação de o apontar ao leitor, não o podendo fazer d'uma forma mais eloquente do que reproduzindo, ao acaso, do livro, uma d'entre as muitas e preciosissimas gravuras que o adornam.

D. Catharina d'Austria, mulher de D. João III, era filha dos reis D. Philippe I e D. Joanna de Castella, e irmã do imperador Carlos V. O seu casamento foi celebrado com o monarcha portuguez em 19 de julho de 1521, e dos actos da vida d'esta princeza, da sua influencia na corte portugueza, e dos factos que tem relação com o reinado do rei seu marido, trata proficientemente o sr. Fonseca Benevides no seu livro. A nossa missão resume-se, porém, simplesmente em apontar a obra como uma das mais bellas, quer considerada pelo lado material e artistico quer pelo litterario, que certamente tem saído dos prelos portuguezes, e das excellentes officinas do sr. Castro Irmão onde foi impressa.

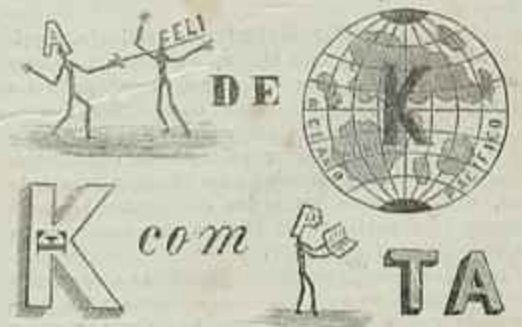
O retrato reproduzido no OCCIDENTE, é copia d'outro pertencente á Real Casa Pia de Lisboa, junto da qual, na capellamór da igreja do mosteiro de Belem, jaz D. Catharina d'Austria.

Os retratos das rainhas, que adornam a obra do sr. Benevides, são reproduzidos dos quadros mais authenticos e mais apreciados da época, existentes quer em Portugal quer no estrangeiro, contando-se entre elles alguns exempla-

res verdadeiramente preciosos, considerados pelo lado historico e artistico. Basta só esta qualidade para tornar a obra do sr. Benevides digna do apreço de todos os estudiosos dotados de bom gosto, dando-lhe um lugar d'honra em todas as bibliothecas.

ENIGMA

(Enviado por um nosso assignante)



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Amigo só de chapéo.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRERES TYP. LISBOA
6, Rua do Thezouro Velho, 6